

**TRAVESSIA DO MUNDO NÃO ESCRITO AO MUNDO ESCRITO:
PARA LER CALVINO E SUAS PROPOSTAS PARA A LITERATURA POR VIR**

Bruna Fontes Ferraz – UFMG/CAPES

brunafontesferraz@ymail.com

Eclair Antonio Almeida Filho – UNB

eclair.filho@hotmail.com

Resumo: Por toda a sua obra – seja literária, ensaística, epistolar – o escritor italiano Italo Calvino sempre manteve-se preocupado com as relações entre o Mundo não escrito (ou que comumente se chama de Mundo) e o Mundo escrito (que se manifesta na Literatura), buscando a cada projeto escritural seu dar incisivamente um estilo ao Mundo, bem como se metamorfosear num autor imaginário. Assim, neste artigo investigaremos como a busca por estilos diversos se alia às seis propostas calvinianas para renovar a linguagem escrita contra o que ele chama de “a peste da linguagem”.

Palavras-chave: Propostas calvinianas, Mundo escrito, Mundo não escrito, Estilo, Autor imaginário, Peste da linguagem.

Abstract: Through Italo Calvino’s whole work – which presents fiction, essays, letters – the italian writer has always been worried about the relations between the non written World (commonly called “the World”) and the written World (which finds its manifestation on Literature), in each of his writing project searching to give incisively the written world a style, as well as to become himself an imaginary author. So at this paper our aim is to show how that calvinian search is allied to his six purposes in order to renew written language against what himself calls “the plague of language”.

Keywords: Calvinian Purposes, Written World, Non written World, Style, Imaginary Author, The plague of language.

Em seus exercícios de escrita tanto ficcionais quanto ensaísticos, Italo Calvino se questionava sobre as dificuldades de narrar na modernidade e de encontrar um estilo particular para cada composição criativa. Estilo para Calvino teria a ver com o ato de talhar do estilete. No italiano de Calvino ‘stilare’ significaria tanto moldar algo com o estilete, quanto escrever ou elaborar um texto dando-lhe uma expressão própria. Tal acepção é corroborada por Jean-Luc Nancy (2000) para quem “um estilo – quer dizer, a incisão gravada por um estilete”. Daí, depreendemos que escrever, para Calvino, implica uma intervenção incisiva no mundo (ou o que ele mesmo chama de mundo não escrito) dando-lhe uma forma, um estilo ao transpô-lo para o mundo escrito.

Podemos observar tal busca angustiada pelo estilo em Calvino desde os seus primeiros passos oscilantes/vasciantes pelas trilhas da literatura, já que ele acaba enveredando para uma escrita que trazia marcas da sua experiência, na Segunda Guerra, como *partigiano*. Embora tenha iniciado seu percurso literário com obras que pendiam mais para o neo-realismo, com *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947) e *Ultimo viene il corvo* (1949), por exemplo, Calvino compreende que a literatura precisa se inovar e não manter certas características de uma forma de escrita tipicamente do século XIX. Por isso, trazendo um tom fabular ao seu estilo de escrita, o escritor italiano exercita-se tanto pela literatura fantástica - com a trilogia *Il visconte dimezzato* (1951), *Il barone rampante* (1957) e *Il cavaliere inesistente* (1959), que viriam a compor o volume *I nostri antenati*

(1960) - quanto pela arte combinatória, sobretudo em *Se una notte d'inverno un viaggiatore* (1979)¹.

Nesse sentido, consideramos que, antes mesmo de delimitar a obra calviniana em determinações teóricas, devemos entender e vislumbrar a postura de um escritor versátil que procurava o desafio a cada novo projeto de escrita. A nosso ver, em sua versatilidade, Calvino se revela tanto como um “autor imaginário” (embora seja melhor usar aqui o plural: autores imaginários) - já que se metamorfoseia em seus exercícios de escrita, exercitando se tornar um outro autor que poderia ser muito bem completamente diferente dele -, quanto como um escritor engajado e preocupado com questões sobre o próprio fazer literário e a relação deste fazer com o mundo.

Por isso, ressaltaremos, aqui, sobretudo, suas propostas para combater o que ele mesmo chama em suas *Seis propostas para o próximo milênio* (1988) de “a peste da linguagem” e “o dilúvio das imagens pré-fabricadas”, males que estariam assolando a Modernidade. Ou seja, Calvino se mostra como autor que se preocupa com o presente e o futuro tanto do mundo não escrito quanto da literatura. Assim, é nesta dupla perspectiva que apresentaremos nossa proposta para ler Calvino, de modo que para nós o autor de *Il cavaliere inesistente* se revela, sobremaneira, em seus projetos escriturais, como um escritor que se transforma, se metamorfoseia para ser outro(s) autor(es) imaginário(s), desafiando os lugares-comuns impostos à literatura ao adentrar sempre mais e mais pelos labirintos da linguagem.

Se, nas palavras de Calvino em seu ensaio “Perché leggere i classici”, um autor clássico é aquele sobre o qual dizemos que “estou relendo” mas jamais que “estou lendo”² (CALVINO, 1995b, p. 1816) (embora neste caso o prefixo re- não indique simplesmente

¹ Nota dos autores: esses quatro livros foram publicados em tradução brasileira pela Cia das Letras com os respectivos títulos: *O visconde partido ao meio*, *O barão nas árvores* e *O cavaleiro inexistente* (que seriam reunidos no volume único *Os nossos antepassados*); e *Se um viajante numa noite de inverno*.

² No original: “‘Sto rileggendo’ e mai ‘Sto leggendo’”.

“novamente” mas sim “uma nova vez diferente”), a cada obra de Calvino teríamos um autor clássico que é outro; mas também a cada releitura de uma obra sua nos depararíamos com uma experiência diferente – uma experiência da diferença -, com um livro que “não terminou de nos dizer o que ele tem para nos dizer³” (CALVINO, 1995b, p. 1818). Embora seus livros sirvam para que nos ponhamos na busca pelo auto-conhecimento, pela inalcançável totalidade, ao mesmo tempo podemos lê-los pelo simples e essencial prazer da leitura, para degustar, apreciar suas frases, sua sonoridade, sua música, emblemas, imagens.

Em textos como “Il libro, i libri” e “Perché scrivete?”, presentes no segundo volume dos seus *Saggi* (1995), Calvino explicita a sua relação com os livros, a escrita e o processo de criação de seus projetos escriturais. Quando nos afirma que para escrever seus livros ele parte do desejo de escrever o *seu* livro, o Calvino ensaísta revela, confessa que sempre dá lugar a um outro - um autor imaginário -, um autor que poderia e deveria ser muito diferente dele. Nas suas palavras,

[p]ara sair das considerações gerais e passar para a minha experiência de escritor, devo dizer que mais do que pelo desejo de escrever o *meu* livro, o livro como equivalente de mim mesmo, sou impulsionado pelo desejo de ter diante de mim o livro que me agradaria ler, e então experimento identificar-me com o autor imaginário desse livro ainda por se escrever, um autor que poderia ser inclusive muito diferente de mim⁴ (CALVINO, 1995b, p. 1853).

Um livro, para Calvino, só vale a pena ser escrito, quando a tarefa de concebê-lo se torna algo impossível para si. A cada novo projeto o escritor italiano se desafia ao buscar

³ No original: “che non ha mai finito di dire quel che ha da dire”.

⁴ No original: “Per uscire dalle considerazioni generali e passare alla mia esperienza di scrittore, devo dire che più che dal desiderio di scrivere il *mio* libro, il libro come equivalente di me stesso, sono spinto dal desiderio d’averlo davanti a me il libro che mi piacerebbe di leggere, e allora provo a identificarmi con l’autore immaginario di questo libro ancora da scrivere, un autore che potrebbe essere anche molto diverso da me.

escrever obras que, para ele, ao considerar suas possibilidades técnicas e criativas, se configurariam como inviáveis. A esse fato, percebemos que o nosso escritor procura, antes de tudo, escrever uma obra com o objetivo de mudar a si mesmo: “o meu objetivo não é tanto o de fazer um livro quanto o de mudar a mim mesmo, objetivo que, penso, deveria ser aquele de todo empreendimento humano⁵” (CALVINO, 1995b, p. 1874). Tal perspectiva é potencializada ao extremo por Calvino em seu livro *Se um viajante numa noite de inverno*, pois para escrever os dez inícios de romances que aparecem entremeados à sua narrativa, o escritor italiano experimenta outros estilos, diversos tanto da sua prática de escrita quanto diversos entre si, exercitando a prática de ser outros escritores, de forma que tenhamos um autor imaginário para cada romance em potencial dentro de seu livro.

Acrescente-se a isso que, quando questionado sobre o porquê escreve, ele se vê numa angustiante tarefa de explicitar os motivos que o levam à escrita. No entanto, no seu entender, o processo escritural nunca se faz isento de dor, de uma violência sobre si mesmo. Não obstante, mesmo sem se divertir totalmente com o ato escritural, Calvino procura, antes de mais nada, divertir o seu leitor, já que a tarefa de trazer humor é, a seu ver, também um dever social da literatura. Além disso, e, sobretudo, entre os motivos que o direcionam à escrita está a percepção de que somente no espaço literário ele será capaz de liberar-se de sua insatisfação com o que já escreveu e “buscar apagar algo já escrito e colocar em seu lugar algo que ainda não sei se conseguirei escrever⁶” (CALVINO, 1995b, p. 1863).

O autor de *Le città invisibili* também ressalta o fato de sempre desejar um livro que, mesmo que ele jamais o escreva, seja desafiador o suficiente para lhe aguçar o exercício de tentar escrevê-lo. Mas, principalmente, Calvino escreveria para aprender/apreender algo

⁵ No original: “il mio scopo non è tanto quello di fare un libro quanto quello di cambiare me stesso, scopo che penso dovrebbe essere quello d’ogni impresa umana”.

⁶ No original: “cercare di cancellare qualcosa di già scritto e mettere al suo posto qualcosa che ancora non so se riuscirò a scrivere”.

que ainda não sabe, já que é somente pela página escrita que adentramos na busca de um saber múltiplo, labiríntico, enciclopédico, pois: “isso posso fazer somente na página escrita, onde espero capturar ao menos algum traço de um saber ou de uma sabedoria que na vida mal rocei apenas e rapidamente perdi⁷” (CALVINO, 1995b, p. 1864).

Vemos que esse nosso autor imaginário se metamorfoseia em cada obra, pois, de fato, nunca encontramos o mesmo Calvino ao ler seus livros, embora fiquemos com a impressão de que já nos deparamos com certos traços/rastros desse novo Calvino em alguma outra obra sua. Assim, podemos observar a versatilidade que há sempre no seu exercitar outros estilos – incisões - e ritmos para suas obras. Não é à toa que ele experimentou vários estilos que lhe permitissem narrar, narrar na modernidade, narrar com o já narrado, atravessando o neo-realismo, o fantástico e a arte combinatória para culminar numa obra literária singular, única e sempre aberta a novas leituras – polissêmica e vária.

No entanto, nessa procura pelo autor imaginário e seu estilo, com o intento de dar incisivamente um estilo ao ilimitado e caótico mundo não escrito, Calvino não se esquece de relacioná-lo ao mundo escrito (o mundo que existe pela literatura, na página escrita), pois para ele:

aquilo que se espera de mim é que eu olhe ao meu redor e capture as rápidas imagens daquilo que está acontecendo, para depois voltar a me debruçar na minha escrivantina e retomar o trabalho. É para colocar novamente em movimento a minha usina de palavras que devo extrair novo combustível dos poços do não escrito⁸ (CALVINO, 1995b, p. 1867).

⁷ No original: “E questo posso farlo solo nella pagina scritta, dove spero catturare almeno qualche traccia d’un sapere o d’una saggezza che nella vita ho sfiorato appena e subito perso”.

⁸ No original: “quello che ci si aspetta da me è che mi guardi intorno e catturi delle rapide immagini di quel che succede, per poi tornare a chinarmi sulla mia scrivania e riprendere il lavoro. È per rimettere in moto la mia fabbrica di parole che devo estrarre nuovo combustibile dai pozzi del non scritto”.

Até aqui vimos que o escritor de *Il barone rampante* deseja criar a sua literatura a partir do que percebe em seu cotidiano, do que experiencia, pois só assim - nos diria o filósofo alemão Walter Benjamin – se faz possível a arte de narrar na Modernidade, narrando e, principalmente, comunicando as suas experiências, numa resistência a uma crise da arte de narrar, já que as pessoas, na Modernidade, não teriam mais experiências mas apenas vivências. Tal prática é desenvolvida com exímia magnitude na obra *Palomar*, por exemplo, quando o exercício do olhar possibilita enxergar as coisas como se fosse pela primeira vez. Em sua conferência “Mondo scritto e mondo non scritto” Calvino descreve esse procedimento de renovar a relação entre linguagem e mundo, que consistiria em: “fixar a atenção sobre um objeto qualquer, o mais banal e familiar, e descrevê-lo minuciosamente como se fosse a coisa mais nova e mais interessante do Universo⁹” (CALVINO, 1995b, p. 1872-1873).

Além disso, essa sua afirmação corrobora que toda forma de reduzir o seu percurso e sua produção literária a uma simples conceituação impede-nos de ver o verdadeiro propósito da sua obra literária, que está sempre em tensão entre a linguagem e o mundo, o literário e o real, a produção e a recepção. Assim, esse autor imaginário nos faz também ser leitores imaginários, já que para cada obra sua devemos nos lançar no metamórfico movimento narrativo, no qual pela voz e pela escrita o texto passa a ser do leitor.

No entanto, esse Calvino imaginário e clássico só recebe essas denominações justamente por ter se preocupado com o presente e o futuro da Literatura, buscando “nos seus clássicos” o antídoto para a peste que na Modernidade, na “civilização da imagem e da informação¹⁰” (CALVINO, 1995a, p. 707), estaria assolando a linguagem por meio de lugares-comuns, frases feitas, pobreza vocabular, e que ofereceria apenas imagens pré-

⁹ No original: “fissare l’attenzione su un oggetto qualsiasi, il più banale e familiare, e descriverlo minuziosamente come se fosse la cosa più nuova e più interessante dell’Universo”.

¹⁰ No original: “civiltà dell’immagine e dell’informazione”.

fabricadas. Por isso, pretendemos mostrar, a seguir, que as seis propostas de Calvino para este nosso milênio, mais do que propostas estéticas, se impõem como armas de resistência, meios de intervenção e de atuação do escritor em relação ao mundo não escrito.

Em “Mondo scritto e mondo non scritto”, Calvino diz se encontrar entre duas concepções filosóficas sobre a natureza do Mundo. Em suas palavras

[a] primeira diz: o mundo não existe; existe somente a linguagem. A segunda diz: a linguagem comum não tem sentido; o mundo é inefável.

Conforme a primeira, a densidade da linguagem se ergue por sobre um mundo feito de sombras; conforme a segunda, é o mundo que domina – tal qual uma muda esfinge - um deserto de palavras como areias transportadas pelo vento¹¹ (CALVINO, 1995b, p. 1867).

Calvino denuncia que o mundo - tal como nos é representado e apresentado - surge desde já influenciado pelos discursos e *mass-medias* em circulação, de modo que: “os fatos de nossas vidas estão já classificados, julgados, comentados, antes mesmo de acontecerem. Vivemos num mundo onde tudo já é lido antes mesmo de começar a existir¹²” (CALVINO, 1995b, p. 1869). Assim, bombardeados como somos de informações e imagens que nos forcem uma nova e imprescindível relação com a memória e o esquecimento, já que tudo se torna instantâneo e efêmero, a literatura seria o único meio de romper com essas imagens pré-concebidas de um mundo que nos impõe até mesmo formas de pensar.

Desse modo, Calvino nos incita, convida e provoca a olhar o mundo como se fosse desconhecido até então para nós: devemos, pois, estranhar o mundo, desconhecê-lo, torná-lo vazio para que possamos nós mesmos recriá-lo como se fosse pela primeira vez,

¹¹ No original: “La prima dice: il mondo non esiste; esiste solo il linguaggio. La seconda dice: il linguaggio comune non ha senso; il mondo è ineffabile. Secondo la prima, lo spessore del linguaggio si erge al di sopra d’un mondo fatto d’ombra; secondo la seconda, è il mondo a sovrastare come una muta sfinge di pietra un deserto di parole come sabbia trasportata dal vento”.

¹² No original “i fatti della nostra vita sono già classificati, giudicati, commentati, prima ancora che accadano. Viviamo in un mondo dove tutto è già letto prima ancora di cominciare a esistere”.

experimentando a sensação de que a todo momento o novo pode surgir. Nesse sentido, Calvino se afasta de um desejo de representar e imaginar apenas aquilo que é conhecido ou reconhecível pelas imagens já consolidadas para buscar encontrar-se com algo inusitado, que possa ser criado pela imaginação. No entanto, o escritor italiano, mesmo em obras que tendem a uma maior reflexão metalinguística, não concebe suas obras fora de uma aproximação com o mundo não escrito.

Esse olhar do estranhamento como se estivesse vendo as coisas sempre pela primeira vez é exercitado por Calvino em várias de suas obras literárias, como *Le cosmicomiche*, na qual o escritor vislumbra o surgimento do nosso mundo e das galáxias e do Universo, por meio principalmente das novas percepções e sensações que o protagonista Qfwfq vai tendo e captando e transformando em relato tanto baseado na memória – voltado para o passado – quanto no porvir – no ato de se lançar rumo ao desconhecido, naquilo que caracteriza a Literatura segundo Blanchot.

Entretanto, o escritor italiano mostra ter-se também munido desse olhar ao esboçar as suas conferências que deveriam ser proferidas na Universidade de Harvard, já que só foi possível perceber as pestes que assolam a modernidade tentando se distanciar o máximo possível delas, para não ser contaminado por um mundo extremamente imagético e previsível. Por isso, discutiremos, mesmo que brevemente, cada uma das seis propostas calvinianas para o nosso milênio (Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade, Multiplicidade e Consistência), arriscando-nos, inclusive, a esboçar alguns traços daquilo que nos pareceria ser a inconclusa proposta da Consistência.

Calvino decide iniciar suas conferências com propostas para o nosso milênio justamente com a Leveza. Logo já confessa que, depois de quarenta anos escrevendo *fiction* (ele usa o termo em inglês para uma imaginária plateia americana), após ter explorado vários caminhos e realizado experimentos dos mais diversos, ele considera que

chegou a hora de buscar uma definição abrangente para o seu trabalho. Em seu entendimento, é justamente a Leveza que tem estado em todo o seu procedimento escritural, já que

a minha operação foi na maioria das vezes uma subtração de peso: procurei retirar peso ora das figuras humanas, ora dos corpos celestes, ora das cidades; procurei, sobretudo, retirar peso da estrutura da narrativa e da linguagem¹³ (CALVINO, 1995a, p. 631).

Por meio da Leveza (no sentido de retirar o peso das coisas), Calvino aponta para o peso existente no mundo (o mundo não escrito), um peso que deve ser filtrado, amenizado pela operação literária. No entanto, considera que é impossível retirar totalmente o peso das coisas e do mundo; aliás, ressalta que é a partir da consciência da existência do peso que podemos e devemos buscar a Leveza. Tornadas leves, as coisas e os seres adquirem velocidade, escapando de qualquer controle. Por isso, não é à toa que Calvino escolhe a Rapidez como proposta que se seguirá imediatamente à da Leveza.

Sem jamais perder de foco o mundo não escrito, Calvino contrapõe a Rapidez que ele propõe para a Literatura, à velocidade que percebe nos meios de comunicação. Por isso, também no início da sua segunda conferência, nosso escritor adianta que

hoje o valor que quero recomendar é justamente este: em uma época em que outras *media* velocíssimas e de extensíssimo raio triunfam, e arriscam achatar qualquer comunicação em uma crosta uniforme e homogênea, a função da literatura é a comunicação entre aquilo que é diferente

¹³ No original: “la mia operazione è stata il più delle volte una sottrazione di peso; ho cercato di togliere peso ora alle figure umane, ora ai corpi celesti, ora alle città; soprattutto, ho cercato di togliere peso alla struttura del racconto e al linguaggio”.

em tudo quanto é diferente, não camuflando mas sim exaltando a diferença, segundo a vocação própria da linguagem escrita¹⁴ (CALVINO, 1995a, p. 668).

Se na sua conferência sobre a Leveza Calvino cita Lucrecio, que “via na combinatória do alfabeto o modelo da impalpável estrutura atômica da matéria¹⁵” (CALVINO, 1995a, p. 667), na conferência sobre a Rapidez, ele citará Galileu

que via na combinatória alfabética [...] o instrumento insuperável da comunicação. Comunicação entre pessoas distantes no espaço e no tempo, diz Galileu. Mas é necessário acrescentar comunicação imediata que a escrita estabelece entre cada coisa existente ou possível¹⁶ (CALVINO, 1995a, p. 667).

Vemos assim a Rapidez como instrumento de comunicação direta, para fazer contato com Tudo. Acrescentemos que a Rapidez também nos serve para que possamos ver e captar as coisas sem que elas passem pelo controle, pela análise do consciente, como se ao mesmo tempo as surpreendêssemos e fôssemos surpreendidos por elas.

Passando em seguida para a proposta da Exatidão - pois mesmo sendo surpreendidos pelas coisas que pegamos em ato, temos que, na escrita, saber descrevê-las, narrando-as em seu movimento -, Calvino se interessa pelo justo uso da linguagem, que a seu ver é “aquele que permite aproximar-se das coisas (presentes ou ausentes) com

¹⁴ No original: “oggi il valore che voglio raccomandare è proprio questo: in un’epoca in cui altri *media* velocissime e di estesissime raggio trionfano, e rischiano d’appiattare ogni comunicazione in una crosta uniforme e omogenea, la funzione della letteratura è la comunicazione tra ciò che è diverso in quanto è diverso, non ottundendone bensì esaltando la differenza, secondo la vocazione propria del linguaggio scritto”.

¹⁵ No original: “vedeva nella combinatoria dell’alfabeto il modelo dell’impalpabile struttura atomica della materia”.

¹⁶ No original: “che vedeva nella combinatoria alfabetica [...] il strumento insuperabile della comunicazione. Comunicazione tra persone lontane nello spazio e nello tempo, dice Galileo; ma occorre aggiungere comunicazione imediata che la scrittura stabilisce tra ogni cosa esistente o possibile”.

discrição e atenção e cautela, com o respeito daquilo que as coisas (presentes ou ausentes) comunicam sem palavras¹⁷” (CALVINO, 1995a, p. 694).

É durante a conferência da Exatidão que Calvino se refere, pela primeira vez em suas propostas, a uma “peste da linguagem”, bastante perigosa pois teria atingido justamente “a humanidade na faculdade que mais a caracteriza, isto é, o uso da palavra¹⁸” (CALVINO, 1995a, p. 678). Tal peste se manifestaria como

perda de força cognoscitiva e de imediatidade, como automatismo que tende a nivelar a expressão sobre as fórmulas mais genéricas, anônimas, abstratas, a diluir os significados, a cegar as pontas expressivas, a apagar qualquer centelha que jorre do encontro das palavras com novas circunstâncias¹⁹ (CALVINO, 1995a, p. 678).

Assim, contra a falta de sentido e a incompletude da linguagem contaminada por essa peste, Calvino elabora uma definição de Exatidão, que se baseia em três traços, a saber,

- 1) um desenho da obra bem definido e bem calculado;
- 2) a evocação de imagens visuais nítidas, incisivas, memoráveis; em italiano temos um adjetivo que não existe em inglês, ‘icástico’, do grego *eikastikós*;
- 3) uma linguagem a mais precisa possível como léxico e como demonstração das nuances do pensamento e da imaginação²⁰ (CALVINO, 1995a, p. 676).

¹⁷ “quello che permette di avvicinarsi alle cose (presenti o assenti) con discrezione e attenzione e cautela, col rispetto di ciò che le cose (presenti o assenti) comunicano senza parole”.

¹⁸ No original: “l’umanità nella facoltà che più la caratterizza, cioè l’uso della parola”.

¹⁹ No original: “perdita di forza conoscitiva e di immediatezza, come automatismo che tende a livellare l’espressione sulle formule più generiche, anonime, astratte, a diluire i significati, a smussare le punte espressive, a spegnere ogni scintilla che sprizzi dallo scontro delle parole con nuove circostanze”.

²⁰ No original:

- 1) un disegno dell’opera ben definito e ben calcolato;
- 2) l’evocazione d’immagini visuale nitide, incisive, memorabili; in italiano abbiamo un aggettivo che non esiste in inglese, ‘icastico’, dal greco *eikastikós*;
- 3) un linguaggio più preciso possibile come lessico e come resa delle sfumature del pensiero e dell’immaginazione.

Embora não se interesse em questionar se as origens desta epidemia se encontram “na política, na ideologia, na uniformidade burocrática, na homogeneização dos *mass-media*, na difusão escolástica da mídia cultura²¹” (CALVINO, 1995a, p. 678), aquilo que lhe interessa “são as possibilidades de salvação. A literatura (e talvez somente a literatura) pode criar anticorpos que resistam à expansão da peste da linguagem²²” (CALVINO, 1995a, p. 678).

Assim como vimos uma relação entre Leveza e Rapidez, podemos, por nossa vez, apontar uma relação entre a Rapidez e a Exatidão, que se daria pelo viés da comunicação exata entre as coisas. Nas palavras de Calvino o uso exato, justo da palavra “associa o rastro visível à coisa invisível, à coisa ausente, à coisa desejada ou temida, como uma frágil ponte de fortuna lançada sobre o vazio²³” (CALVINO, 1995a, p. 694).

Já em sua proposta da Visibilidade (porque precisamos que chova na nossa fantasia, na nossa imaginação, tal como quer Dante) Calvino chama a atenção para o fato de que é por meio da capacidade de imaginar (transformando palavras em imagens, imagens em palavras) que conseguimos criar novos mundos, novas linguagens, renovamos a (nossa) vida, tal como ocorre com a Natureza. Ao criarmos imagens partimos em direção a nós mesmos e ao mundo (numa identificação/aproximação tanto com nós mesmos quanto com a “alma do mundo”). A chuva na nossa fantasia combaterá o dilúvio das imagens pré-fabricadas (fabricadas e impostas por outros a nós). É por essa razão que o autor de *Palomar* justifica a inclusão da Visibilidade no seu elenco de valores a serem salvos para o nosso milênio, pois pretende com ela nos

²¹ No original: “nella politica, nell’ideologia, nell’uniformità burocratica, nell’omogeneizzazione dei *mass-media*, nella diffusione scolastica della media cultura”.

²² No original: “sono le possibilità di salute. La letteratura (e forse solo la letteratura) può creare degli anticorpi che contrastino l’espandersi della peste del linguaggio”.

²³ No original: “collega la traccia visibile alla cosa invisibile, alla cosa assente, alla cosa desiderata o temuta, come un fragile ponte di fortuna gettato sul vuoto”.

advertir do perigo que estamos correndo de perder uma faculdade humana fundamental: o poder de focalizar visões com os olhos fechados, de fazer brotarem cores e formas pelo alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de *pensar* por imagens”²⁴ (CALVINO, 1995a, p. 707).

A esse respeito, para que sejamos capazes de pensar por imagens, Calvino propõe inclusive uma pedagogia, uma educação da imaginação, baseada, claro, nos três princípios da Exatidão, e que nos “habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem de outra parte deixá-la cair em um confuso, lábil fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem em uma forma bem definida, memorável, auto-suficiente, ‘icástica’²⁵”(CALVINO, 1995a, p. 708).

É apenas aprendendo e desenvolvendo uma pedagogia da imaginação que, “de todo modo, todas as ‘realidades’ e as ‘fantasias’ podem tomar forma somente através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e eu, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal²⁶” (CALVINO, 1995a, p. 714). Por meio de nossa capacidade de imaginar, recriando e reciclando imagens em palavras, palavras em imagens, associamos e aproximamos o mundo não escrito ao mundo escrito de modo que

as visões polimórficas dos olhos e da alma se encontram contidas em linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, de vírgulas, de parênteses; páginas de sinais alinhados bem densos como grãos de areia representam o espetáculo multicolorido do mundo em uma

²⁴ No original: “avvertire del pericolo che stiamo correndo di perdere una facoltà umana fondamentale: il potere di mettere a fuoco visioni a occhi chiusi, di far scaturire colori e forme dall’alineamento di caratteri alfabetici neri su una pagina bianca, di *pensar* per immagini”.

²⁵ No original: “abituai a controllare la propria visione interiore senza soffocarla e senza d’altra parte lasciarla cadere in un confuso, labile fantasticare, ma permettendo che le immagini si cristallizzino in una forma ben definita, memorabile, autosufficiente, ‘icastica’”.

²⁶ No original: “comunque, tutte le ‘realità’ e le ‘fantasie’ possono prendere forma solo attraverso la scrittura, nella quale exteriorità e interiorità, mondo e io, esperienza e fantasia appaiono composte della stessa materia verbale”.

superfície sempre igual e sempre diferente, como as dunas impelidas pelo vento do deserto²⁷
(CALVINO, 1995a, p. 714).

Com a proposta da Visibilidade, Calvino não quer que as imagens, as frases, as palavras se petrifiquem: quer que elas chovam na alta fantasia contra o dilúvio das imagens e frases feitas. Quer que vejamos também com os olhos da nossa alma, usando criativamente a linguagem (seja ela literária, pictórica) de modo que possamos tanto reciclá-la num eterno retorno do efêmero, quanto torná-la vazia para partirmos novamente do zero. Se a reciclagem pode ser entendida como um traço “pós-moderno” ou mesmo “antigo” em Calvino, a criação a partir do vazio e do zero (do nada) aponta para um experimentalismo, para a invenção (assim como um cientista) de algo totalmente novo, inusitado.

Tendo consciência de que o mundo não escrito é múltiplo, ilimitado, complexo, desordenado, caótico, Calvino entende que apenas no romance o mundo não escrito poderia encontrar a forma que abarcaria a sua própria totalidade: a enciclopédia (compreendida pelo autor de *Le cosmicomiche* como enciclopédia paradoxalmente aberta, ao contrário do que a etimologia poderia nos deixar supor). Calvino entende, visualiza, imagina o “romance contemporâneo como enciclopédia, como método de conhecimento, e sobretudo como rede de conexões entre os fatos, as pessoas, entre as coisas do mundo²⁸” (CALVINO, 1995a, p. 717) para, fazendo uso de uma ambição dos Antigos, “representar a multiplicidade das relações, em ato e em potência²⁹” (CALVINO, 1995a, p. 722). Pela

²⁷ No original: “le visioni polimorfe degli occhi e dell’anima si trovano contenute in righe uniformi di caratteri minuscoli o maiuscoli, di punti, di virgoli, di parentesi; pagine di segni allineati fitti fitti come granelli di sabbia rappresentano il spettacolo variopinto del mondo in una superficie sempre uguale e sempre diversa, come le dune spinte dal vento del deserto”.

²⁸ No original: “romanzo contemporaneo come enciclopedia, come metodo di conoscenza, e soprattutto come rete di connessioni tra i fatti, tra le persone, tra le cose del mondo”.

²⁹ No original: “rappresentare la molteplicità delle relazioni, in atto e in potenziali”.

vontade e vocação enciclopédicas, o romancista expressaria sua “paixão cognoscitiva³⁰” (CALVINO, 1995a, p. 719).

Nessa busca pela expressão, compreensão e apreensão da Totalidade (que, como sabemos, é inalcançável), estaria a verdadeira função da Literatura, pois, conforme Calvino:

a literatura vive apenas se ela coloca para si objetivos desmesurados, até mesmo além de qualquer possibilidade de realização. Apenas se poetas e escritores se propuserem empreendimentos que ninguém mais ousaria imaginar, a literatura continuará a ter uma função³¹ (CALVINO, 1995a, p. 722-723).

No entanto, para aqueles que poderiam objetar que “quanto mais a obra tende à multiplicação dos possíveis, mais se distancia daquele *unicum* que é o *self* de quem escreve, a sinceridade interior, a descoberta da própria verdade³²” (CALVINO, 1995a, p. 733), Calvino responderia ao mesmo tempo perguntando:

quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, um mostruário de estilos, onde tudo pode ser continuamente re-misturado e re-ordenado de todos os modos possíveis³³ (CALVINO, 1995a, p. 733) .

Embora não tenha tido tempo de concluir a escrita da sua proposta da Consistência, nós – como leitores calvinianos – podemos, num exercício experimental, nos arriscar a

³⁰ No original: “passione conoscitiva”.

³¹ No original: “la letteratura vive solo se si pone degli obiettivi smisurati, anche al di là d’ogni possibilità di realizzazione. Solo se poeti e scrittori si propongono imprese che nessun altro osa immaginare, la letteratura continuerà ad avere una funzione”.

³² No original: “più l’opera tende alla moltiplicazione dei possibili, più s’allontana da quell’*unicum* che è il *self* di chi scrive, la sincerità interiore, la scoperta della propria verità”.

³³ No original: “chi siamo noi, chi è ciascuno di noi se non una combinatoria di esperienze, d’informazioni, di letture, d’immaginazioni? Ogni vita è un’enciclopedia, una biblioteca, un inventário d’oggetti, un campionario di stile, dove tutto può essere continuamente rimiscolato e riordinato di tutti i modi possibili”.

imaginar como ela poderia ter sido: a Consistência seria o que tornaria para nós visível e exata uma sensação de Totalidade, de conjunto para tudo aquilo que, no mundo escrito e também no mundo não escrito, parece escapar de nós em sua Leveza, Rapidez e Multiplicidade. Para nós, Calvino tinha plena consciência de que, como escritor, deveria ter tudo sob seu controle (ou ter, pelo menos, a ilusão de ter tudo sob controle), pois apenas nesse controle do escritor sobre o seu trabalho, sobre a sua obra, é que as coisas do mundo escrito poderiam adquirir consistência para ter liberdade, e assim correr e escorrer livres pelas páginas escritas.

A esse respeito, não foi por acaso que Calvino ingressou no grupo literário-matemático OuLiPo - Ouvroir de Littérature Potentielle (Ateliê de Literatura Potencial) - durante a década de 1970, pois buscava nas *contraintes* e nas regras formas de controlar e ordenar suas produções literárias, de modo que ao conhecer e dominar as regras impostas para compor textos, estivesse livre das indeterminações e imprevisibilidades ditadas pelo acaso da escrita.

Como visto, ao escritor – quando este se põe diante da misteriosa imensidão do mundo não escrito - é oferecida a possibilidade de discorrer sobre tudo, mas é somente pela limitação e restrição que a escrita se solidifica, se presentifica no papel. O ponto de partida - o *incipit* -, para Calvino, é sempre difícil pois se deve encontrar a linguagem adequada para se dizer sobre algo que inicialmente pode abarcar a totalidade e multiplicidade enciclopédicas mas que irá se delimitar a um único tema. Por isso, Calvino diz que o momento decisivo para todo escritor se dá pelo “destaque da potencialidade ilimitada e multiforme para encontrar algo que ainda não existe mas que poderá existir apenas aceitando limites e regras³⁴” (CALVINO, 1995a, p. 734).

³⁴ No original “distacco dalla potenzialità illimitata e multiforme per incontrare qualcosa che ancora non esiste ma che potrà esistere solo accettando dei limiti e delle regole”.

Calvino é, pois, esse escritor versátil que tem, sobretudo, vontade de comunicar, como ele mesmo denomina em sua conferência “Il libro, i libri” ao conceber que o ato de escrever só se faz possível na solidão do escritor, no processo de interiorização necessário para que um escritor perceba o mundo a partir do que está internalizado no próprio ser. Essa vontade de comunicar seria, portanto, “aquela especial comunicação da literatura que se estabelece de indivíduo a indivíduo, e que somente em alguma época e em alguma ocasião pode encontrar-se amplificada em comunicação de massa³⁵” (CALVINO, 1995b, p. 1858). Tal vontade de comunicar se manifestaria apesar das mais hostis condições externas. A esse respeito, Calvino diz se maravilhar ao saber que

Petrarca e Boccaccio trocavam entre si códices de pergaminho em que tinham copiado de próprio punho e com fina elegância gráfica as próprias obras ou as de Dante, me convence de que os períodos de esplendor para a literatura podem abrir-se quaisquer que sejam as condições exteriores³⁶ (CALVINO, 1995, SAGGI 2, p. 1858).

Consideramos, portanto, que ler Calvino é sempre surpreendente, revelador, uma vez que não nos deparamos com o mesmo ou com um único escritor: ele sempre se desdobra, como num exercício de alteridade, em autores imaginários para conceber os seus projetos escriturais. A nosso ver, seus livros se configuram, se revelam como equivalentes do Universo, do Cosmos, pois muito embora nos lancem rumo ao desconhecido Livro-Universo, são obras magníficas em sua simplicidade, em sua desafiadora não-pretensão. Seus livros buscam abranger a totalidade e a potencialidade do possível e do impossível. Sua obra nos ensina que “o cosmos pode ser buscado também no interior de cada um de

³⁵ No original: “quella speciale comunicazione della letteratura che si stabilisce da individuo a individuo, e che solo in qualche epoca e in qualche occasione può trovarsi amplificata in comunicazione di massa”.

³⁶ No original: “Petrarca e Boccaccio si scambiavano codici di pergamena in cui avevano copiato di proprio pugno e con fine eleganza grafica le proprie opere o quelle di Dante, mi convince che i periodi di splendor per la letteratura possono aprirsi quali che siano le condizioni esteriori” (CALVINO, 1995, SAGGI 2, p. 1858).

nós, como caos indiferenciado, como multiplicidade potencial³⁷” (CALVINO, 1995a, p. 740).

A prática literária, ensaística de Calvino direciona-se para uma compreensão de um tipo peculiar de leitura que, tendo um ritmo “governado pela vontade do leitor; abre espaços de interrogação e de meditação e de exame crítico, em suma, de liberdade; é uma relação com nós mesmos e não somente com o livro, com o nosso mundo interior através do mundo que o livro nos abre³⁸” (CALVINO, 1995b, p. 1860). A leitura e a escrita são assim desafios para o escritor e para o leitor, desafios dos quais com certeza saímos mais enriquecidos de nós mesmos e do mundo (de um mundo que conhecíamos mas também de um mundo - diferente e estranho - que passou a existir a partir da nossa entrada no labirinto da literatura).

Assim, buscando criar labirintos para escrever criativamente, potencialmente literatura, a escrita calviniana sempre abre múltiplas possibilidades de recriar e renovar a linguagem ao permitir que também o leitor – libertando-se e afastando-se de imposições dos *mass media* e lugares-comuns - cante e narre a partir de suas obras. Como o próprio escritor italiano considera: cada livro permite uma possibilidade virtual, isto é, livros em potencial que possam ser escritos a partir do que se lê.

Assim, nessa nossa travessia com Calvino pelo universo do mundo não escrito e do mundo escrito, aprendemos que, apesar de toda a entropia que governa a formação do Universo, é na obra literária que “o universo se cristaliza em uma forma, em que adquire

³⁷ No original: “il cosmo può essere cercato anche all’interno d’ognuno di noi, come caos indifferenziato, come molteplicità potenziale”.

³⁸ No original: “governato dalla volontà del lettore; apre spazi di interrogazione e di meditazione e di esame critico, insomma, di libertà; è una relazione con noi stessi e non solo col libro, col nostro mondo interiore attraverso il mondo che il libro ci apre”.

um sentido, não fixo, não definitivo, não enrijecido em uma imobilidade mortal, mas vivo como um organismo”³⁹ (CALVINO, 1995a, p. 751).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Italo. *Lezioni americane*. In CALVINO, Italo. *Saggi volume 1*. Mondadori: Milano, 1995a, p. 627-753.

CALVINO, Italo. Cominciare e finire. In CALVINO, Italo. *Saggi (1945-1985)*. Milano: Mondadori, 1995a. Vol. 1, pp 734-753.

CALVINO, Italo. Perché leggere i classici?. In CALVINO, Italo. *Saggi volume 1*. Mondadori: Milano, 1995b, p. 1816-1824.

CALVINO, Italo. Il libro, i libri. In CALVINO, Italo. *Saggi volume 2*. Mondadori: Milano, 1995b, p. 1846-1860.

CALVINO, Italo. Perché scrivete?. In CALVINO, Italo. *Saggi volume 2*. Mondadori: Milano, 1995b, p. 1860-1864.

CALVINO, Italo. Mondo scritto e mondo non scritto. In CALVINO, Italo. *Saggi volume 2*. Mondadori: Milano, 1995b, p. 1865-1875.

³⁹ No original: “l’universo si cristallizza in una forma, in cui acquista un senso, non fisso, non definitivo, non irrigidito in un’immobilità mortale, ma vivente come un organismo”.

NANCY, Jean-Luc. Répondre du sens. In (*Po&sie* (Paris, Éditions Belin), n° 92, 2000. p. 11-20.